

GOHN, Maria da Glória. *Manifestações e protestos no Brasil: correntes e contracorrentes na atualidade*. São Paulo: Cortez, 2017.

Caroline Bandeira de Brito Melo[†]

Maria da Glória Gohn compôs sua obra mais recente (2017), *Manifestações e protestos no Brasil: correntes e contracorrentes na atualidade*, através de um mapeamento de 100 movimentos sociais, dentre os movimentos clássicos e “novos” e dentre 30 movimentos por ela denominados de “novíssimos”. Esse trabalho é dividido em duas partes, que de forma geral tentam compreender tanto a dinâmica dos “novíssimos” movimentos sociais como o desenrolar das manifestações entre os anos de 2013 e 2016.

Na primeira parte, a autora realiza uma seleção dos três movimentos mais importantes que participaram das manifestações no período entre 2013 e 2016: Movimento Passe Livre (MPL), Vem Para Rua (VPR) e Movimento Brasil Livre (MBL). O objetivo da autora é caracterizar a identidade desses movimentos, os repertórios de demandas, as articulações sociopolíticas e a cultura política que construíram.

O primeiro foco da explicação de Gohn é o Movimento Passe Livre, criado em 2005, em Porto Alegre, e que originalmente estava ligado a protestos de estudantes do ensino médio, desencadeados na cidade de Salvador em 2003 e em Florianópolis em 2004. Em 2013 entrou em cena apresentando como objetivo a diminuição dos preços dos bilhetes de transportes.

A autora destaca inúmeras novidades que o MPL trouxe durante os protestos de 2013, como a falta de líderes declarados, o fato de as decisões serem elaboradas, em sua maioria, através de consensos e a ausência de carros de som. Além disso, os ativistas utilizavam uma camiseta branca e preta com o desenho de uma catraca.

O Movimento se apresenta como autônomo e horizontal, não aceitando o modelo de representatividade proposto tanto pelos clássicos como pelos “novos” movimentos sociais. Vale ressaltar que é composto principalmente por estudantes do ensino superior, entre 16 e 29 anos, e não deve ser visto como um Movimento de camadas médias, uma vez que realiza um trabalho de base em locais periféricos, levando algumas de suas pautas para discussão em escolas situadas nessas regiões.

Maria da Glória Gohn salienta que, apesar da importância auferida nas manifestações de junho de 2013, com o passar do tempo o Movimento perdeu forças, principalmente em razão de divisões internas e da saída de alguns ativistas importantes.

O segundo grupo apontado pela autora é o Vem Pra Rua, criado em outubro de 2014, que tem como principais líderes Rogério Chequer e Colin Butterfield. Ancorado em matrizes

[†] Mestranda em Ciência Política pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

liberais modernas, os ativistas se inspiram nos Estados Unidos como exemplo de civismo e senso de comunidade e atribuem grande importância às redes sociais como melhor canal de divulgação de protestos. Da mesma maneira, apresentam-se como um movimento suprapartidário, tendo em vista o estímulo dado à participação política dos cidadãos e à carreira política dos seus membros. Propugnam, porém, que, uma vez inseridos nas estruturas de poder, esses deverão desvincular-se do VPR.

Durante o período de 2014-2016, o Movimento realizou dois encontros nacionais com seus líderes e conselheiros, nos quais foi respeitada a sua organização interna dividida em três níveis: Conselho, Núcleo Duro e Líderes de Trabalho. Isso demonstra, portanto, que no VPR há lideranças, demandas, repertórios de práticas e ideologia. Foram delineadas missões a serem desenvolvidas para superar os problemas no Brasil, quais sejam: educação suprapartidária nas escolas, conscientização política e atuação cívica.

O terceiro grupo destacado por Gohn é o Movimento Brasil Livre (MBL), que se originou em novembro de 2014, no qual se misturam ideias liberais e neoconservadoras. O Movimento se apresenta como liberal, uma vez que defende o livre mercado, e como antiestadista, visto que compreende o Estado, quando este regula ou intervém no mercado, como um problema. Para os ativistas do MBL, corrupção e intervenção estão intrinsecamente correlacionadas, sendo a corrupção uma consequência da intervenção do Estado nas empresas, tanto privadas como públicas. Além disso, o grupo é neoconservador, pois é contrário a vários direitos sociais e culturais da contemporaneidade.

A autora destaca que, para os analistas de esquerda, o MBL seria um grupo de direita. No entanto, a partir do exame do seu material discursivo e suas práticas, difere dos *Revoltados On-line*, que propugnam a volta do regime militar. O Movimento Brasil Livre, por exemplo, não é contra o casamento gay e nem contra a descriminalização das drogas.

Trata-se de um grupo predominantemente formado por jovens. Tem como principais líderes Kim Kataguirí e Fernando Holiday. Assim como o Movimento Vem Pra Rua, possui um site no qual promove venda de produtos. Além disso, não nega a forma de partido. Pelo contrário, lança candidatos para concorrer a cargos eleitorais, o que aconteceu nas eleições de 2016, em que 8 vereadores pertencentes ao Movimento foram eleitos no estado de São Paulo, dentre eles, um dos seus líderes, Fernando Holiday.

Gohn destaca ainda que o MBL apresenta um documento com propostas de políticas públicas de cunho liberal nas áreas de gestão pública. Na área de educação, há defesa do Projeto de Lei *Escola sem Partido*, tanto em legislativos estaduais como municipais.

Na segunda parte do livro, a autora realiza um panorama das manifestações e dos protestos de rua ocorridos entre 2013 e 2016, e, para sistematizar, subdivide esse período em quatro momentos, segundo o caráter e as novidades presentes em cada um deles.

No primeiro, intitulado “Novíssimos atores em Cena em Junho de 2013”, Gohn delinea as principais características das mobilizações desse momento, tais como: comparecimento de aproximadamente um milhão de pessoas em todo o Brasil; diminuição das tarifas de transportes coletivos como foco inicial, com posterior ampliação das demandas para áreas do serviço público:

educação e saúde; grande protagonismo de jovens, organizados preponderantemente por meio da internet; e, como já salientado anteriormente, atuação incisiva do Movimento Passe Livre.

Inicialmente, em São Paulo, integrantes de partidos políticos como PSOL (Partido Socialista e Liberdade), PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado), PCO (Partido da Causa Operária) e alguns militantes do PT (Partido dos Trabalhadores) estavam presentes com o Movimento Passe Livre. Posteriormente, porém, as bandeiras partidárias foram rejeitadas.

De acordo com a autora, não se destacaram líderes. Existia apenas uma organização informal cujo intuito era o de cuidar da logística-trajeto, alvos-foco, datas e horários. Ademais, outras manifestações ocorreram paralelamente aos protestos de junho de 2013, tais como: Marcha das Vadias, Marcha da Maconha, greves, ocupações em universidades, Marcha da Família com Deus, dentre outras. Nenhuma delas, no entanto, atraiu tamanha atenção como as mobilizações organizadas pelo MPL.

Maria da Glória Gohn ainda chama atenção para o desenvolvimento de novas formas de sociabilidade na sociedade civil originadas através das novas tecnologias, principalmente em razão da internet e do uso de aparelhos móveis. Além disso, defende que essas mobilizações não podem ser consideradas completamente anárquicas, uma vez que havia um foco central – a diminuição das tarifas –, posteriormente ampliado.

Outro ponto relevante diz respeito à questão da violência, do papel dos agentes policiais e dos *Black Blocs*. Como as multidões pregavam a horizontalidade, não havendo explicitação de lideranças, apresentou-se dificultosa a interlocução entre os manifestantes e os poderes constituídos. Sendo assim, a polícia teve amplo papel em momentos de tensão, ocupando a falta de mediação com a utilização da violência contra os manifestantes. Outrossim, a tática *Black Bloc*, em junho de 2013, apresentou-se com uma estética peculiar cujas marcas eram as roupas pretas, os rostos semicobertos, seus gestos e práticas diferenciados e a comunicação entre seus membros – a adesão aos protestos ocorreu por meio da internet.

O segundo momento é designado “Surgimento de contracorrentes nos novíssimos”. Nessa parte do livro, a autora acompanha os acontecimentos do ano de 2014, ano eleitoral, ressaltando que foi um período de grande mobilização nas redes sociais, dentro do qual surgiram os grupos denominados “novíssimos” – VPR, MBL, Nas Ruas e Revoltados Online – que tiveram atuação decisiva nas manifestações de 2015, e se apresentaram com campos de ação e repertórios eminentemente diferentes do MPL.

A autora denomina o terceiro momento de “A multidão retorna às ruas – 15 de março de 2015”, em que faz um apanhado das manifestações ocorridas nesse ano. Inicialmente, destaca que ocorreram dois tipos diferentes de protestos. O primeiro, no dia 13 de março, denominado de Dia Nacional da Luta ou Ato Nacional em Defesa da Petrobrás, foi convocado pelos movimentos clássicos como MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), CUT (Central Única dos Trabalhadores), UNE (União Nacional dos Estudantes) e MTST (Movimento dos Trabalhadores sem Teto). Nesse protesto, popularmente conhecido como “antigolpe”, houve comparecimento de 12 mil pessoas. Apresentava como agenda a defesa da presidente Dilma Rousseff e a reivindicação de políticas sociais. O segundo, no dia 15 de março, trouxe à cena novos grupos com diferentes

matrizes políticas, e teve como pautas o *impeachment* da presidente Dilma e a necessidade de reforma do Estado.

A autora tece um paralelo entre os protestos de junho de 2013 e os do dia 15 de março de 2015, afirmando que a predominância de jovens das primeiras manifestações foi substituída por pessoas de todas as faixas etárias, incluindo famílias que levavam seus filhos. As camadas sociais participantes também se alteraram. Nas de 2015, houve a predominância de classes médias, havendo, portanto, uma mudança no repertório das demandas. Ademais, os carros de som retomam as avenidas.

Gohn destaca que os movimentos sociais pautados no *impeachment* da presidente entrarão para a história devido ao elevado número de participantes e pela ordem e normalidade como transcorreu. Ressalta, além disso, que os policiais não inspiravam medo; pelo contrário, realizavam gestos de amizade com os manifestantes.

Outro ponto que a autora salienta se refere à articulação realizada por 26 dos “novíssimos” movimentos sociais – Vem Pra Rua, Movimento Brasil Livre, Instituto Democracia e Ética, Jovens Transformadores, Avança Brasil, Brava Gente Brasileira, Chega de Impostos, Diferença Brasil, dentre outros – que criaram a “Aliança Nacional Democrática” e elaboram a “Carta do Povo Brasileiro”.

No quarto momento, intitulado “O ano do *Impeachment*”, é ressaltada a novidade dos movimentos clássicos e “novos” advindos da década de 1980, que realizaram uma União e reativaram-se em muitas frentes de ação, a exemplo da Frente Brasil Popular, composta por 70 movimentos, e a Frente Povo Sem Medo, na qual participam 30 movimentos e agremiações partidárias.

Para a autora, o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff foi um marco, tendo em vista que, após esse acontecimento, as mobilizações diminuiriam progressivamente e os “novíssimos” movimentos ou se recolheram, ou se lançaram em campanhas eleitorais, a exemplo do Movimento Brasil Livre. Outrossim, os movimentos clássicos passaram à defensiva, lutaram, principalmente, contra o corte de direitos sociais e resistência às reformas propostas.

Gohn finaliza elencando alguns destaques desses “novíssimos” movimentos, como o uso das tecnologias digitais, por exemplo, que agregaram potência e força às manifestações. Ademais, sublinha a existência, nesses movimentos, de inúmeras matrizes político-discursivas e sujeitos políticos distintos, que oscilam desde o socialismo utópico do século XIX até as teorias autonomistas do capital humano, passando por ideias liberalistas, anarcocapitalistas, conservadoristas e marxistas.

A partir desse ponto do livro, apreende-se que os “novíssimos” movimentos sociais não se enquadram em uma categoria homogênea. É notável a diferença entre o Movimento Passe Livre e o Movimento Brasil Livre, por exemplo. Além disso, a partir da leitura do livro, compreende-se que os movimentos clássicos e “novos” não saíram de cena; pelo contrário, estão se rearticulando. Assim, a entrada de novos grupos de movimentos sociais não implica, automaticamente, o desaparecimento dos mais velhos, havendo, na atualidade, uma concomitância de grupos de movimentos sociais.